



HASHTAG #VIDASNEGRASIMPORTAM COMO DISPOSITIVO DE MEDIAÇÃO IMPLÍCITA DA INFORMAÇÃO

Lindiwe Sophia Oliveira Fideles

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

fideleslindiwe@gmail.com

Henriette Ferreira Gomes

Universidade Federal da Bahia (UFBA)

henriettefgomes@gmail.com

Resumo: A mediação da informação e a folksonomia diferem-se quanto ao contexto, agentes e ações, mas é possível estabelecer relações promissoras entre as duas temáticas, inclusive articulando-as com o ativismo *hashtag*. Incluídas no âmbito da folksonomia, as *hashtags* são geradas a partir da associação do símbolo # (*hash*, em inglês) e uma *tag* (etiqueta) atribuída pelo próprio sujeito informacional. Já a mediação implícita da informação é uma atividade realizada pelo profissional da informação. Apesar dos diferentes agentes, as *hashtags* podem se configurar como dispositivos tecno-semioprágmatos de mediação implícita da informação ao abarcarem a tríade: técnica, semiótica e demanda social que também impõe caráter pragmático aos dispositivos de mediação. No que concerne ao ativismo digital, a *hashtag* #VidasNegrasImportam surge diante de um Estado brasileiro racista e genocida, fundado sob o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento e opera como mais uma das estratégias de ativismo antirracismo. Nesse sentido, este trabalho, resultado parcial da pesquisa de Mestrado em andamento da primeira autora, objetiva apresentar quais são as relações possíveis e promissoras entre a mediação da informação e a folksonomia por meio do ativismo *hashtag* #VidasNegrasImportam. A abordagem da pesquisa é qualitativa, fundamentada no referencial teórico e empírico das áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação. Quanto ao procedimento é um estudo de caso a partir da *hashtag* #VidasNegrasImportam. O estudo indica que a aproximação entre a atividade de mediação implícita da informação e a folksonomia via ativismo *hashtag* traz contribuições para o campo da representação da informação, sobretudo, para a reparação taxonômica que considera as vozes dos sujeitos silenciados pelas opressões.

Palavras-chave: Mediação implícita da informação; Folksonomia; #VidasNegrasImportam.

HASHTAG #VIDASNEGRASIMPORTAM AS A DEVICE FOR IMPLICIT MEDIATION OF INFORMATION

Abstract: Mediation of information and folksonomy differ in terms of context, agents and actions, but it is possible to establish promising relationships between the two themes, linking them with hashtag activism. Included in the scope of folksonomy, hashtags are generated from the association of the symbol # and a tag assigned by the prouser. The implicit mediation of

information is an activity performed by the information professional. Despite the different agents, hashtags can be configured as techno-semioprismatic devices of implicit mediation of information by encompassing the triad: technique, semiotics and social demand that also impose a pragmatic character on mediation devices. In the context of digital activism, the hashtag #VidasNegrasImportam emerges due to a racist and genocidal Brazilian state, founded on the myth of racial democracy and the whitening ideology and operates as one of the strategies of anti-racism activism. This article, partial result of a Master's degree research in progress, aims to present what the possible and promising relationships between the mediation of information and folksonomy through the hashtag #VidasNegrasImportam activism are. The research approach is qualitative, based on the theoretical and empirical reference of the areas of Librarianship and Information Science. It is a case study using the hashtag #VidasNegrasImportam. The study indicates that the approximation between the activity of implicit mediation of information and folksonomy via hashtag activism brings contributions to the field of information representation, mainly for taxonomic reparations, which considers the voices of subjects silenced by oppressions.

Keywords: Implicit mediation of information; Folksonomy; #VidasNegrasImportam.

HASHTAG #VIDASNEGRASIMPORTAM COMO DISPOSITIVO DE MEDIACIÓN IMPLÍCITA DE LA INFORMACIÓN

Resumen: La mediación de la información y la folksonomía difieren en cuanto a contexto, agentes y acciones, pero es posible establecer relaciones prometedoras entre ambos temas, incluso articularlos con el activismo de los *hashtag*. Incluidos en el contexto de la folksonomía, los *hashtags* se generan a partir de la asociación del símbolo # (*hash*, en inglés) y una *tag* (etiqueta) asignada por el sujeto informativo. La mediación implícita de la información es una actividad que realizan los profesionales de la información. A pesar de los diferentes agentes, los *hashtags* pueden configurarse como dispositivos tecno-semioprasmáticos de mediación implícita de la información para abarcar la tríada: técnica, semiótica y demanda social que también impone el carácter pragmático a los dispositivos de mediación. En cuanto al activismo digital, el *hashtag* #VidasNegrasImportan aparece ante un Estado brasileño racista y genocida, fundado en el mito de la democracia racial y la ideología del blanqueamiento y opera como una estrategia más de activismo antirracista. En este sentido, este trabajo, resultado parcial de la investigación de Máster en curso de la primera autora, pretende presentar cuáles son las posibles y prometedoras relaciones entre la mediación de la información y la folksonomía a través del activismo *hashtag* #VidasNegrasImportan. El enfoque de la investigación es cualitativo, basado en referentes teóricos y empíricos de las áreas de Biblioteconomía y Ciencia de la Información. En cuanto al procedimiento es un caso de estudio desde el *hashtag* #VidasNegrasImportan. El estudio indica que el acercamiento entre la actividad de mediación implícita de la información y la folksonomía a través del activismo *hashtag* aporta contribuciones al campo de la representación de la información, especialmente, a la reparación taxonómica que considera las voces de los sujetos silenciados por las opresiones.

Palabras clave: Mediación implícita de la información; Folksonomía; #VidasNegrasImportan.

1 INTRODUÇÃO

A aproximação entre a mediação da informação e a folksonomia aponta para além das possibilidades de articulação dessas duas temáticas, já identificadas nos trabalhos de

Santini e Souza (2010) e Souza e Jorente (2020, 2021), para a perspectiva de que relações promissoras podem e devem ser incentivadas, principalmente no que diz respeito ao campo da Representação da Informação.

A folksonomia se insere no escopo da representação da informação, uma vez que é resultado do processo de indexação social em que os sujeitos informacionais¹ atribuem etiquetas (*tagging*), ou seja, os termos da indexação para representar os recursos digitais no ambiente colaborativo da web. Assim como na folksonomia, a mediação da informação (implícita e explícita) se relaciona com o campo da representação da informação, visto que por meio das representações descritiva e temática os profissionais da informação interferem na recuperação da informação pelos usuários.

No que concerne à atividade de indexação, comum aos dois temas, é fundamental fazer a diferenciação entre a indexação social, como dito anteriormente, realizada pelos próprios sujeitos informacionais, e a indexação controlada, realizada pelos profissionais da informação. A indexação social, no âmbito da folksonomia, ocorre na web com o emprego de linguagem natural, enquanto a indexação controlada ocorre no processamento técnico das bibliotecas com o auxílio das linguagens documentárias.

A indexação controlada caracteriza-se como uma atividade de mediação implícita da informação, ou seja, uma ação de interferência realizada pelos profissionais da informação que ocorre sem a presença física e imediata dos usuários (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, 2015). Diante disso, nota-se que são diferentes os contextos, agentes e ações na folksonomia e na mediação da informação. Contudo, é possível que as linguagens empregadas pelos sujeitos informacionais e pelos profissionais da informação dialoguem entre si. Nesse sentido, esta pesquisa objetiva apresentar quais são as relações possíveis e promissoras entre a mediação da informação e a folksonomia por meio do ativismo *hashtag* #VidasNegrasImportam.

¹ “Por sujeito informacional entende-se um sujeito social que manifesta a sua subjetividade através do estabelecimento de identidades e percursos informacionais na web. [...] Tal fenômeno **marca a passagem de um usuário passivo em busca de recursos que atendam às suas necessidades de informação para um sujeito ativo e dinamizador dos fluxos informacionais**” (ASSIS; MOURA, 2013, p. 86, grifo nosso). Em 2009, Almeida Júnior, em consonância com posicionamento de Lunardelli (2004), afirma que é o termo cliente revestido de passividade, enquanto o termo usuário “[...] carrega em seu bojo concepção de atividade e de participação” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92). Dessa forma, neste artigo alterna-se entre usuários da informação e sujeitos informacionais, sendo os últimos contextualizados na web, trata-se de uma concepção recente no campo da Ciência da Informação, segundo Carmo e Araújo (2020).

2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E FOLKSONOMIA: RELAÇÕES POSSÍVEIS

No intuito de apresentar diálogos já estabelecidos entre mediação da informação e folksonomia, evidenciam-se três trabalhos que relacionam as duas temáticas. Destaca-se que a abordagem desta pesquisa é qualitativa, fundamentada no referencial teórico e empírico das áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

O primeiro trabalho, de Rose Santini e Rosali de Souza (2010), é intitulado “Classificação colaborativa de conteúdos não-textuais na internet: as novas formas de mediação e organização da informação da música através da folksonomia”. O artigo analisa as *tags* utilizadas pelos sujeitos informacionais para classificar as músicas no Sistema de Recomendação Last.fm², as autoras consideram “[...] a classificação colaborativa de conteúdos na Internet como um processo inovador de mediação social” (SANTINI; SOUZA, 2010, p. 3). Apesar da presença do termo mediação no título, a pesquisa não se debruça sobre o conceito de mediação social ou mediação da informação. Entretanto, atividades que compõem a mediação implícita da informação são citadas no texto quando as autoras afirmam que “[...] há um intenso debate na Ciência da Informação sobre a utilidade da folksonomia para a classificação, catalogação, geração de meta-dados ou mesmo para as atividades tradicionais de busca e recuperação da informação.” (SANTINI; SOUZA, 2010, p. 9).

As autoras Gabriela Souza e Maria Jorente tanto no capítulo de livro publicado em 2020, “A folksonomia como recurso de design e curadoria na mediação da informação em ambientes digitais”, quanto no artigo de 2021, “A curadoria digital e a folksonomia sob a perspectiva da mediação da informação”, apontam a folksonomia como ferramenta a ser utilizada na mediação da informação. O capítulo analisa a página da *British Library* no Flickr³ e constata que a folksonomia:

[...] mostrou-se eficiente no que toca a colaboração entre os internautas e a biblioteca, já que as imagens disponíveis são digitalizações dos documentos do acervo da própria biblioteca, permitindo que os internautas classifiquem esses documentos. (SOUZA; JORENTE, 2020, p. 340-341).

² “Com o objetivo construir uma rede social de música na Internet, o Sistema de Recomendação Last.fm foi criado em 2003 como rádio online, porém em agosto de 2005 incorporou tanto o software Audioscrobbler (que registra os hábitos de escuta dos ouvintes) como a interface de acesso às músicas através das tags criadas por seus usuários, inspirada nas inovações dos sites Flickr e Del.icio.us.” (SANTINI; SOUZA, 2010, p. 12)

³ “O Flickr é uma plataforma Web 2.0 de compartilhamento de imagens que pode ser utilizada gratuitamente por qualquer internauta. Foi criado em 2002 por Caterina Fake e Stewart Butterfield, e nele a representação de imagens é feita por meio de etiquetas que são adicionadas às imagens pelos próprios internautas” (GONÇALVES; ASSIS, 2016, citados por SOUZA; JORENTE, 2020, p. 338).

Nesse sentido, Souza e Jorente afirmam que a participação dos sujeitos informacionais na descrição dos conteúdos os aproxima dos profissionais da informação e, dessa forma, contribui para a atividade de mediação da informação e para a democracia informacional.

No artigo das autoras, que é continuação de capítulo de livro abordado previamente, elas descrevem dois paradigmas da Ciência da Informação: o custodial, em que a mediação da informação é vista como atividade exclusiva da referência, e o pós-custodial, em que a mediação da informação está presente em todas as atividades de uma unidade de informação, neste paradigma constata-se uma maior preocupação com o sujeito (SOUZA; JORENTE, 2021). No contexto do paradigma pós-custodial, é possível aliar a folksonomia à mediação da informação, visto que ambas admitem a participação dos sujeitos. Vale ressaltar que tanto no capítulo quanto no artigo as autoras ainda fazem uma aproximação entre a folksonomia e a curadoria digital, apresentando a primeira como recurso da curadoria digital.

Além dos apontamentos presentes nesses três trabalhos, brevemente descritos nos últimos parágrafos, outras relações podem ser estabelecidas entre mediação da informação e folksonomia. As duas temáticas são recentes quando comparadas à Organização e Representação da Informação, o primeiro conceito para mediação da informação foi elaborado em 2006 por Almeida Júnior, enquanto as primeiras publicações na Ciência da Informação brasileira sobre folksonomia foram nos anos de 2007 e 2008, segundo Viana e Dal'Evedove (2019). Ambas as temáticas não abarcam um único conceito, Santos e Corrêa (2018) afirmam que:

[...] não há um consenso conceitual e terminológico acerca da Folksonomia haja vista que em alguns momentos ela é considerada pelos autores como um fenômeno; uma inovação; um sistema; uma classificação; um vocabulário; um método ou até mesmo um resultado de um processo. (SANTOS; CORRÊA, 2018, p. 11)

No que se refere à mediação da informação, destacam-se “[...] as relações de antagonismo nos conceitos de mediação, visto que existem aqueles que assumem no discurso a posição sobre a mediação como ponte e como interferência.” (SANTOS NETO; ALMEIDA JÚNIOR, 2019, p. 17). Neste artigo, assume-se que mediar a informação é interferir e que a interferência também pode ser vislumbrada a partir da perspectiva dos sujeitos informacionais que atuam no intuito de solucionar problemas estruturais da sociedade. Nesse cenário, surgem iniciativas como o ativismo *hashtag* que atrelado a outras práticas de combate às opressões podem impulsionar mudanças.

3 ATIVISMO DIGITAL ANTIRRACISMO: O CASO DA HASHTAG #VIDASNEGRASIMPORTAM

As *hashtags* surgem no processo de indexação social e são formadas pela associação do símbolo # (*hash*, em inglês) e uma *tag* (etiqueta) atribuída pelo sujeito informacional, conforme apontado anteriormente, no âmbito da folksonomia. Nóbrega e Manini (2016) afirmam que “Atualmente, o papel dessas etiquetas ultrapassa o da representação de determinado conteúdo e reflete o momento que o cerca.” (NÓBREGA; MANINI, 2016, p. 2). Ademais, o seu uso amplia o alcance de temas que, “[...] sob diversas proporções, foram invisibilizados pela estrutura social dominante correspondente, majoritariamente, a homens heteronormativos brancos.” (ROMEIRO; SILVA, 2018, p. 216).

Nesse sentido, a *hashtag* #VidasNegrasImportam surge diante de um Estado brasileiro racista e genocida, fundado sob o mito da democracia racial⁴, a crença que negros e brancos convivem harmoniosamente usufruindo de iguais oportunidades, e a ideologia do branqueamento, a concepção de superioridade fenotípica e cultural branca. Ambos conceitos surgem no pós-abolição, o primeiro nega a existência do racismo no Brasil e o segundo se estabelece com estímulo à miscigenação provocado pelo próprio governo brasileiro que incentivou legalmente a imigração de europeus para o Brasil com vistas ao branqueamento da população⁵.

A referida *hashtag* emerge como repercussão do Movimento *Black Lives Matter* iniciado em 2013, após o assassinato de *Trayvon Martin* no Estados Unidos da América (EUA), e, desde então, permanece sendo utilizada nas diversas mídias sociais (Facebook, Instagram, Twitter, entre outras). A utilização da *hashtag*, como forma de ativismo digital antirracismo, é acompanhada de conteúdos digitais (textos, imagens e vídeos compartilhados nos posts e tweets) que denunciam as discriminações raciais sofridas pelos negros cotidianamente. Em 2020, a *hashtag* #VidasNegrasImportam ganhou evidência após a morte George Floyd (25 de maio) em Minneapolis, EUA, mais um homem negro assassinado pela violência policial. A *hashtag*, já vinha sendo utilizada no Brasil

⁴ “Devemos compreender ‘democracia racial’ como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo nos Estados Unidos e nem legalizado tal qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais do governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país” (NASCIMENTO, 1978, p. 93).

⁵ “Quase no fim do seu governo ditatorial, Getúlio Vargas assinou em 18 de setembro de 1945, o Decreto-Lei Nº 7967, regulando a entrada de imigrantes de acordo com ‘... a necessidade de preservar e desenvolver na composição étnica da população, as características mais convenientes da sua ascendência européia” (NASCIMENTO, 1978, p. 71).

devido ao assassinato, no mesmo ano, de João Pedro Mattos Pinto (18 de maio), no Rio de Janeiro, e posteriormente de Miguel Otávio Santana da Silva (2 de junho), em Recife.

No Brasil, a cada 23 minutos ocorre a morte de um jovem negro⁶, de acordo com o Relatório Final da Comissão Parlamentar de Inquérito (Assassinato de Jovens). Tal relatório focou os homicídios decorrentes da ação do Estado, classificando o Estado brasileiro como genocida. Dessa forma, o primeiro passo para o enfrentamento ao racismo é a luta pela própria sobrevivência. A relevância do ativismo digital antirracista está na possibilidade de:

Deslocar o papel da juventude negra como sujeitos dos meios de comunicação de massa para os criadores das suas próprias narrativas, rompe com as representações negativas, cria um sentido de propriedade e de pertença e proporciona a capacidade de conciliar as suas verdadeiras identidades com as prescritas pela sociedade. O ativismo digital antirracismo permite aos jovens incluir as suas próprias construções no diálogo nacional e trazer as suas contribuições, fomentando o seu crescimento e inclusão em suas sociedades (ROSHANI, 2020, p. 53-54).

Nesse sentido, o ativismo digital antirracismo, sendo uma de suas manifestações o uso de *hashtags* contra o racismo nas mídias sociais, tem caráter complementar ao ativismo presencial, uma vez que a luta do Movimento Negro está para além dos espaços virtuais, no combate histórico e diário às desigualdades resultadas de uma herança colonial escravocrata.

4 HASHTAG #VIDASNEGRASIMPORTAM COMO DISPOSITIVO DE MEDIAÇÃO IMPLÍCITA DA INFORMAÇÃO: RELAÇÕES PROMISSORAS

Peraya (2002, p. 29-30) define um dispositivo tecno-semiopragmático como um “[...] conjunto de interações providas por toda mídia, toda máquina de comunicar, toda tecnologia da informação e da comunicação (TIC) entre os universos técnico, semiótico e ainda social ou relacional. As TIC constituem, de fato, a fronteira desses três universos”. Assim, podemos afirmar que a *hashtag* #VidasNegrasImportam se configura como um dispositivo por agregar essa tríade: a técnica, que pode ser evidenciada pela presença da *hashtag* na web, inserida, portanto, em um software e em um hardware; a semiótica, visto que as tecnologias produzem sentidos e significado a partir da linguagem que circula no ciberespaço; e o social já que a web é um espaço de interações entre sujeitos sociais/informacionais. Além disso, a demanda social impõe caráter pragmático aos

⁶ Dado retirado do Relatório CPI do Assassinato de Jovens 2016. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/mnas?codcol=1905&tp=4>. Acesso em: 17 abr. 2022.

dispositivos de mediação. A partir do exposto previamente, podemos identificar diferentes configurações, ações e agentes referentes à *hashtag* no âmbito da mediação da informação e da folksonomia, conforme quadro abaixo:

Quadro 1 - *Hashtag* #VidasNegrasImportam no âmbito da folksonomia e da mediação da informação

#VidasNegrasImportam	FOLKSONOMIA	MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO
HASHTAG	etiqueta	dispositivo
AÇÃO	indexação social	mediação implícita da informação
AGENTE	sujeito informacional	profissional da informação

Fonte: Elaboração das autoras (2022).

Como proposto nas seções anteriores, a atividade do profissional da informação deve estar associada à atividade do sujeito informacional, conforme aponta Santos Neto (2014) na mediação implícita da informação:

Ainda que se pareça uma mediação passiva e técnica a ação de atribuir palavras-chave e/ou descritores de assunto, tal procedimento deve chamar a atenção do leitor para que perceba e compreenda que, até mesmo nessa atividade aparentemente desprovida de intencionalidade, há também a interferência do bibliotecário. A escolha das palavras-chave influenciará diretamente no processo de recuperação, acesso e apropriação da informação pelo usuário. (SANTOS NETO, 2014, p. 95).

Sabendo que a mediação implícita da informação requer interferência e não simplesmente seguir as normas estabelecidas para indexação controlada, é preciso se atentar ao elevado potencial de semântica da folksonomia (semântica latente), ou seja, é preciso levantar as circunstâncias textuais em que a *hashtag* #VidasNegrasImportam é replicada no intuito de mostrar o quanto este dispositivo já foi incorporado no discurso social devendo, portanto, passar a ser considerado pela representação da informação possibilitando, dessa forma, a criação de modelos híbridos de indexação. Nesse sentido, Vignoli, Almeida e Catarino (2014) sustentam que:

[...] as etiquetas empregadas pelos internautas podem ser utilizadas pelos profissionais da informação como fontes para a construção de vocabulários controlados pois, uma vez que as etiquetas foram adicionadas pelos próprios internautas, elas seguramente serão utilizadas por eles na busca por informações. As autoras ainda salientam que para a estruturação e tratamento das etiquetas adicionadas pelos internautas faz-se necessária a atuação do profissional da informação (VIGNOLI; ALMEIDA; CATARINO, 2014 *apud* SOUZA, JORENTE, 2021, p. 11).

Portanto, a folksonomia pode auxiliar na construção de diferentes instrumentos utilizados na mediação implícita da informação, da indexação aos tesauros, das taxonomias às ontologias. Por conseguinte, poderá influir nos modelos de serviço de referência, mediação explícita da informação. O caso específico da hashtag #VidasNegrasImportam ainda contribui para a denominada reparação taxonômica, na medida em que considera a voz de quem historicamente é silenciado na nossa sociedade até mesmo nas normas e diretrizes da Biblioteconomia e Ciência da Informação:

A reparação taxonômica é um conjunto de iniciativas que visa identificar 'certas estruturas imutáveis que continuam a apoiar o discurso eugenista', como no dicionário de sinônimos, nas ontologias e nos sistemas de classificação. Neste movimento de heteronormatividade, o sexismo, o colonialismo, o racismo e a marginalização da diferença estão sendo revistos porque podem enfatizar, a partir dos dispositivos de informação, a discriminação. A ideia de reparação taxonômica torna possível o reconhecimento semântico de certos termos capazes de revelar sujeitos, opressões e realidades sociais. Acredita-se que, ao admitirmos outros contextos e fontes para corroborar os termos que constituirão as linguagens de indexação, por exemplo, torna-se possível retirar das sombras do rareamento inúmeras temáticas e agendas sociais. (MOURA, 2018, p. 8).

Em direção à reparação taxonômica tal como definida acima, Melissa Adler (2016) aponta em seu artigo intitulado "The Case for Taxonomic Reparations" como as estruturas e terminologias utilizadas no campo da Organização do Conhecimento refletem tempos, espaços, interesses e perspectivas particulares, muitas vezes carregadas de preconceitos. A autora aborda o caso da hashtag #BlackLivesMatter, indicando a utilização desta hashtag como um modelo de reparação, visto que o seu uso chama atenção para um movimento e uma causa, mobiliza o ativismo, a circulação do conhecimento e informação⁷. Adler (2016) admite que há limitações no uso da hashtag quando apropriada por movimentos que querem ridicularizá-la. Como exemplo de uma apropriação contrária pode-se pensar a hashtag #AllLivesMatter que é utilizada por críticos ao movimento *Black Lives Matter* para atenuar a existência do racismo estrutural. É preciso estar sempre atento também à influência dos algoritmos nas mídias sociais que atuam para dar visibilidade a certas demandas e outras não. Não há neutralidade nas mídias sociais, as

⁷ "The hashtag draws attention to a movement and a cause, and mobilizes activism and the circulation of knowledge and information. Certainly, there are hundreds of hashtags that do this kind of work. What makes this particular hashtag a model for reparation is that it reassembles knowledge around a political statement and a demand for recognition and action for bodies and lives that are too often marginalized in virtually every aspect of U.S. politics and culture, including media and information outlets, as well as library shelves." (ADLER, 2016, p. 634)

tecnologias são criadas com finalidades específicas e, sobretudo, por pessoas que são fruto da sociedade permeada por opressões interseccionais.

Diante desse cenário, os profissionais da informação devem estar comprometidos com as mudanças sociais e, a partir de uma mediação consciente, devem buscar novas fontes de saberes para atuação profissional, inclusive nos movimentos sociais e nas suas novas formas de configuração na web.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações possíveis e promissoras entre a mediação da informação e a folksonomia também enfrentam desafios. Dentre eles características próprias da indexação social, os erros ortográficos, por exemplo, que podem ser contornados com emprego da folksonomia assistida. Além disso, por vezes, as *hashtags* podem ser alvo de má utilização para a disseminação de discriminações, principalmente a partir da utilização de *chatbots*.

Entretanto, os aspectos positivos se destacam uma vez que a mediação da informação (implícita e explícita) tem uma potência mobilizadora do social e mesmo compreendendo que a mediação explícita guarda uma potência ainda maior, porque ela ocorre na interação direta com os sujeitos sociais, a mediação implícita também contribui de forma indireta na busca, no compartilhamento e na representação da informação. Por fim, articulando a mediação implícita, a folksonomia e o ativismo digital, os mediadores poderão melhor cumprir o papel social da área de colaborar com o desenvolvimento do protagonismo social.

REFERÊNCIAS

- ADLER, M. The case for taxonomic reparations. **Knowledge Organization**, v. 43, n. 8., p. 630-640, 2016.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesq. Bras. Ci. Inf.**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009.
- ASSIS, J. de; MOURA, M. A. Folksonomia: a linguagem das tags. **Encontros Bibli.**, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 85-106, jan./abr. 2013.
- CARMO, R.; ARAÚJO, C. A. A. Sujeito informacional, conceito em emergência: uma revisão teórico-conceitual em periódicos Ibero-Americanos. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.30, n.1, p. 1-22, jan./mar. 2020.

LUNARDELLI, R. S. A. Usuários ou clientes de biblioteca? Uma reflexão sob o ponto de vista da lexicologia. **Signum**, Londrina, v.7, n. 2, p. 91-99, dez. 2004

MOURA, M. A. Organização social do conhecimento e performatividade de gênero: dispositivos, regimes de saber e relações de poder. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p. 118-135, nov. 2018.

NASCIMENTO, A. do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

ROSHANI, N. Discurso de ódio e ativismo digital antirracismo de jovens afrodescendentes no brasil e colômbia. In: SILVA, Tarcízio (org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais**: olhares afrodiaspóricos. São Paulo: LiteraRUA, 2020.

NÓBREGA, I. de O.; MANINI, M. P. #impeachment ou #naovaitergolpe: uma análise sobre a folksonomia na indexação de imagens fotográficas em redes sociais da web 2.0. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n 4., 2016.

PERAYA, D. O ciberespaço: um dispositivo de comunicação e de formação midiaticizada. In: ALAVA, S. **Ciberespaço e formações abertas**: rumo a novas práticas educacionais? Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 25-52.

ROMEIRO, N. L.; SILVA, F. C. G. A folksonomia das hashtags como instrumento de militância contra o assédio sexual no Facebook: avaliação da hashtag #mexeucumamexeucumtodas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 215-232, 2018.

SANTINI, R. M; SOUZA, R. F. de. Classificação colaborativa de conteúdos não-textuais na Internet: as novas formas de mediação e organização da informação da música através da folksonomia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11.: 2010, RIO DE JANEIRO. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Ibict; UFRJ, 2010, 24 p.

SANTOS, R. F.; CORRÊA, R. F. Análise das definições de Folksonomia: em busca de uma síntese. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n.2, p. 1- 32. 2018.

SANTOS NETO; J. A. **Mediação implícita da informação no discurso dos bibliotecários da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina (UEL)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2014. 195 p.

SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JUNIOR, O. F. Mediação da informação: uma análise histórica e discursiva da constituição e desenvolvimento dos conceitos. In: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 18., 2019, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: ANCIB/UFSC, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/122719>. Acesso em: 22 abr. 2022.

SOUZA, G. de O.; JORENTE, M. J. V. A curadoria digital e a folksonomia sob a perspectiva da mediação da informação. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO, 3., 2021, Londrina. **Anais [...]** Londrina: UEL, 2021, p. 1-20.

SOUZA, G. de O.; JORENTE, M. J. V. A folksonomia como recurso de design e curadoria na mediação da informação em ambientes digitais. *In*: SANTOS NETO, J. A.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F.; BORTOLIN, S. (org.) **Perspectivas em mediação no âmbito da Ciência da Informação**. São Paulo: Abecin Editora, 2020. p. 330-350.

VIANA, J. M. dos A.; DAL'EVEDOVE, P. R. Folksonomia como objeto de estudo no GT-2 do ENANCIB. *In*: Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 18., 2019, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis: ANCIB/UFSC, 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), pela concessão da bolsa de Mestrado à primeira autora deste texto.